

Artes & multimedia

Imprensa do Brasil continua a destacar Nobel

A imprensa brasileira continua a dar destaque à atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago, cuja obra se encontra esgotada em muitas livrarias do país. Em artigo publicado ontem no jornal «O Glo-

bo», o escritor e jornalista Afonso Romano de Sant'Anna salienta: «Com esta premiação a um escritor de língua portuguesa, talvez nosso idioma deixe de ser aquele código secreto utilizado nas guerras.»



PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA

«Nunca saí de Portugal»

À chegada a Lisboa, José Saramago reiterou a sua condição de português. E Lanzarote, afinal, nem sempre foi espanhola

MIGUEL GASPAR

José Saramago lançou um olhar sobre a Sala VIP do aeroporto da Portela, à procura da mulher. «Ela esconde-se sempre com os jornalistas», disse. E, descortinando a também jornalista Pilar del Rio, convidou-a: «tenha a bondade de se aproximar».

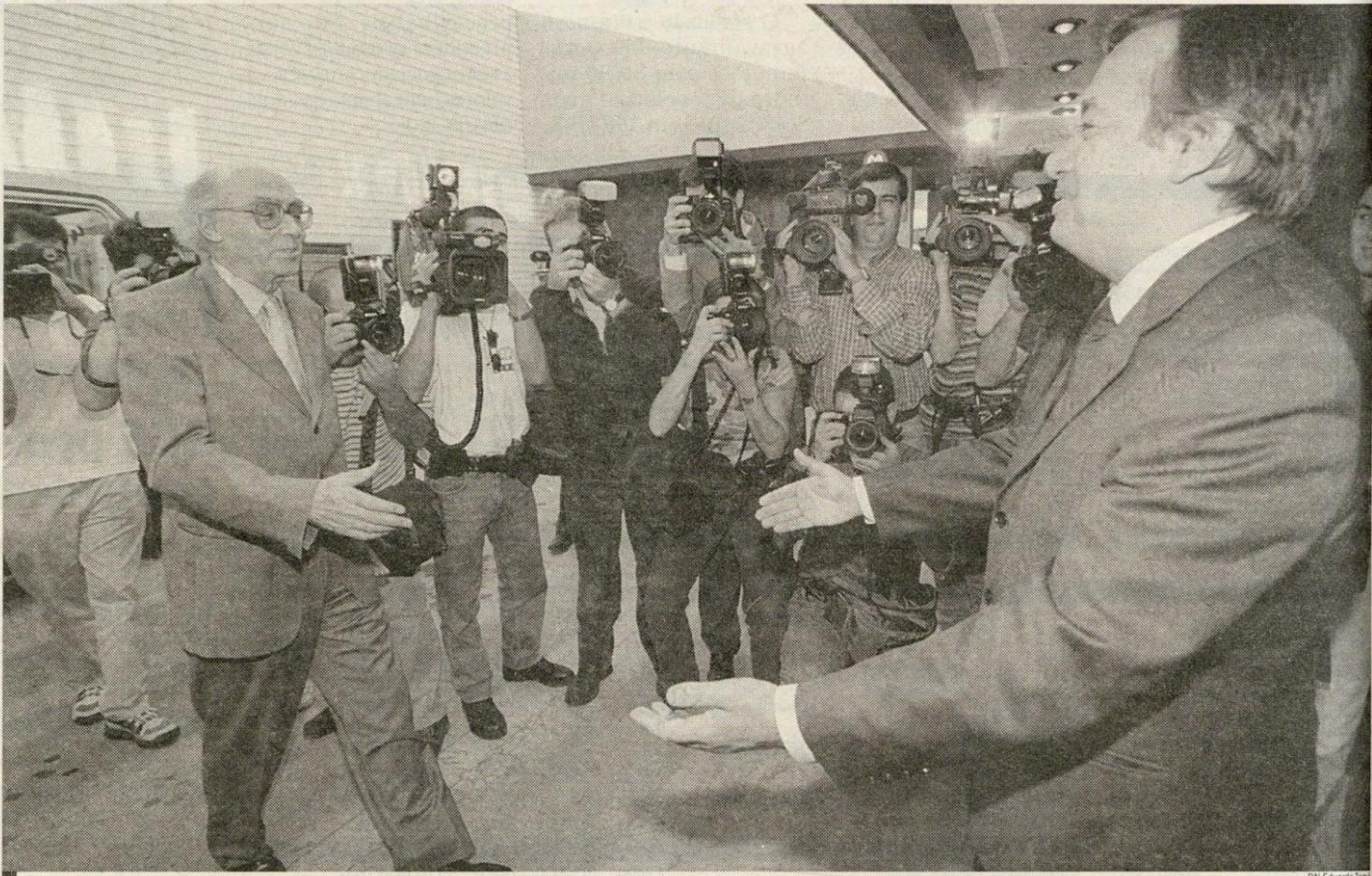
Até aí empenhado em deixar claro que não é menos português por viver em Lanzarote, o escritor muda de expressão, deixa fugir a preocupação com a forma de encarar uma chegada a Lisboa precedida de múltiplo frenesi mediático. É um homem apaixonado.

Minutos antes, a chegada do Prémio Nobel da Literatura, com alguns minutos de atraso sobre o previsto, provocara uma enorme agitação na sala. António Guterres foi o primeiro a abraçá-lo. E, já perante os jornalistas, o chefe do Executivo foi económico nas palavras – apenas três: «bem-vindo, parabéns, bem haja».

«Esquecer-me de Portugal seria esquecer-me do meu próprio sangue», reiterou o Prémio Nobel

José Saramago propôs-se dizer mais do que três palavras. Ou encontrar múltiplas maneiras de dizer apenas «nunca saí de Portugal». Ia explicando aos jornalistas que está sempre a vir a Lisboa, que não se sente no papel «do emigrante que ao fim de 20 ou 30 anos consegue voltar». Soltando até um expressivo e directo «não se preocupem».

Mais do que as recepções prévias e entusiásticas em Madrid ou Lanzarote, o autor de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* queria explicar que não é por viver numa ilha das Canárias – «um bairro da Europa mais afastado», chamou-lhe – que se sente menos português. «Isso está claro em todas as minhas declarações», sublinhou. E sobre Lanzarote acrescentou que por lá continuará a viver «enquanto vocês [nós, os jornalistas] não fizerem daquilo um lugar pior para viver». E porque ainda havia mais qualquer coisa para acrescentar, lembrou que a pequena ilha já foi portuguesa e que ele é como que o representante de Portugal na ilha.



RECEPÇÃO. O primeiro-ministro António Guterres foi o primeiro a abraçar José Saramago

Ambiente? Pouco povo cá fora, para uma chegada também ela pouco anunciada. Nada que preocupasse o presidente da câmara, João Soares. «A festa vai ser nos Paços do Concelho», dizia o autarca ao DN, manifestando-se «muito feliz por receber uma grande figura das nossas letras, premiada com o Nobel da literatura e com uma grande ligação à cidade». Mergulhando o repórter na pequena truca que rodeia sempre os grandes eventos, declarou-

«se outra vez «muito feliz», quando interrogado sobre a pequena truca que levou a que Manuel Maria Carrilho e não o presidente da câmara acompanhasse o Prémio Nobel no regresso a Lisboa.

Na Sala VIP, o leque de notáveis completava-se com o deputado comunista João Amaral e Rui Godinho. Também a neta e a filha. E um Zeferino Coelho, o homem da editora do Prémio Nobel, a Caminho, de cravo na lapela.

A curta distância, José Sara-

mago prosseguia. «Esquecer-me de Portugal seria esquecer-me do meu próprio sangue. O que me fez foi esta coisinha chamada Portugal, a língua que temos, a literatura que aprendi a manipular». O tom é sentido. «Dizer que um homem não chora é um disparate machista», soltara, ainda antes da conferência de imprensa, quando interpelado pela repórter da RTP.

Omnipresentes, os jornalistas. José Saramago cita um que pediu «uma mão-cheia de bençãos vermelhas» para o Nobel. Era o título de uma crónica de António Rego Chaves, publicada neste jornal. Serviu de meio para o autor falar da sua chegada não como um regresso, mas uma revisita, outra das muitas que fez nos últimos cinco anos, desde que trocou Portugal por Lanzarote. Uma revisita, portanto. «Rancor? Nenhum. Amargura? Alguma. Mas hoje não é dia para isso.» E assim se enterram os candidatos a censores. Que provavelmente nunca leram esse *Evangelho...* que quiseram proibir, como dizia, há dias,

na SIC, uma professora da tal escola de Mafra que a câmara não quis baptizar com o nome do autor, enquanto deu ao pavilhão desportivo o nome do presidente da câmara. Ministro dos Santos é o nome, para que conste do memorial deste convento onde proibir por proibir ainda é prática socialmente aceite.

Mais? Falou-se de Nobel. «Tive a sorte de o ganhar, porque é precisa alguma sorte», disse José Saramago. «Se Aquilino Ribeiro fosse vivo, seria ele a ganhar.» De inveja, não se fabu. «Se pudessemos falar da inveja», dissera, há dias, na televisão.

E o escritor reiterou que é o mesmo que era antes de receber o prémio. «O Nobel não me muda. Sou o mesmo José Saramago. Podem-me encontrar na lealdade, na generosidade, na confiança, no respeito», disse.

Depois, uma ovação, grande, a saída para o exterior, rumando ao carro de João Soares. Que não o trouxe de avião para Lisboa, mas consolou-se com este passeio pela capital.

Um novo doutor em Lisboa

«Não me perguntem onde vou gastar o dinheiro», dizia o Prémio Nobel no aeroporto. Sábia cautela. No táxi de regresso ao DN, imaginem de que falou o motorista: «O José Saramago lá ganhou uns milhões. E os livros dele vão todos esgotar.» E porque isto da auto-estima tem que se lhe diga, um súbito desabafo: «Já que não ganhamos na bola.»

Mais adiante, a caravana automóvel transportando o Nobel ultrapassa o táxi. E porque esta é uma história de mulheres, é uma mulher-polícia que pára a mota e manda parar o nosso carro: «Pare lá, ó senhor doutor.» E assim nasceu um novo doutor em Lisboa, até que apareça um revisor a escrever «não» onde o texto diz «sim». Isto da auto-estima...

Audiência com surpresa a revelar em Belém

O PR recebe hoje o laureado. Com objectivo que se mantém no segredo das altas esferas. Segue-se um almoço «de amigos»

■ O Presidente da República, Jorge Sampaio, recebe hoje José Saramago em audiência, às 12 e 45, no Palácio de Belém. Seguir-se-á um almoço particular «de amigos», segundo anunciou ao DN uma fonte da Presidência. Embora se espere uma qualquer honraria (condecoração?), com a qual o PR homenageará, na circunstância, o romancista agora Nobel da Literatura, não apurámos o que estará a ser preparado nesse sentido, porquanto a mes-

ma fonte guardou reserva, para que seja «surpresa».

Recorde-se que o PR e José Saramago foram parceiros da coligação Por Lisboa, nas eleições autárquicas de 1989, que levaram Jorge Sampaio, pelo PS, à presidência da câmara municipal da cidade e o romancista, pelo PCP, à presidência da respectiva Assembleia Municipal – cargo que, aliás, viria a abandonar, após um breve desempenho de funções. A militância partidária do escritor dis-

ponibiliza-o regularmente para candidaturas eleitorais, embora sobretudo a fim de dar nome (prestígio) às listas, pois a tarefa primeira de José Saramago – e absorvente – é a escrita, à qual se votou integral e profissionalmente desde 1976, mais o conjunto de actividades daí decorrentes.

Da eleição de Sampaio para PR, deixou Saramago notas no diário (*Cadernos de Lanzarote-IV*). Eis alguns destaques, a título de exemplo. «Em Lisboa para votar.

Encontro alguns amigos preocupados... Tudo aponta para uma vitória folgada de Jorge Sampaio, mas eles duvidam, parece-lhes bom de mais para poder ser verdade.» – 13 de Janeiro. «A minha tranquilidade tinha razão, Jorge Sampaio ganhou.» – 14 de Janeiro.

E o tema continua, no dia 15, a propósito duma colaboração pedida pelo jornal *El País* – «A esquerda explicada». Assim chamei o artigo...» Abre-o com menção às

movimentações da chamada crise académica de 1962, escrevendo às tantas: «E não há com certeza um só espanhol que tenha conhecimento de que o secretário-geral do órgão coordenador das diversas associações académicas era então um jovem licenciado em Direito, de 23 anos, chamado Jorge Sampaio. Para entender o que vem a seguir, seria preciso começar por saber isto.» E fecha a elogiar «o espírito, a inteligência e a sensibilidade» de Sampaio.

O cerco da cidade de Lisboa a Saramago

O escritor recebeu as chaves da cidade. O povo aplaudiu-o e deu-lhe cravos vermelhos

MARIA JOÃO CAETANO

Saramago recebeu a chave da cidade de Lisboa. E se, no momento em que foi convocado para a recepção, não sabia ao certo que serviria esta chave («mas não é que está a porta para a cidade», perguntou-se o escritor), a dúvida ficou esclarecida no momento em que chegou aos Paços do Concelho e foi recebido ao ar de uma banda, um grande aplauso e os gritos de «Sa-ra-ma-go». Foi então que o escritor percebeu: «A resposta é: estas chaves são para abrir a porta da vossa amizade. Simplesmente, eu vejo que não se trata de uma porta que se abre de par em par.»

Não foram assim tantos os lisboetas que decidiram perder um pouco do seu tempo para homenagear José Saramago. A Praça do Município estava semivazia. Mas havia semicheia de verdadeiros amantes, leitores empunhando livros de Saramago e procurando o autógrafo, jovens comunistas

distribuindo panfletos contra o pacote laboral, simples curiosos. Baptista-Bastos, Manuel Alegre, Vasco Gonçalves, Lídia Jorge, Vítor de Sousa, Júlio Pomar e Carlos do Carmo foram apenas alguns dos amigos que também lá estiveram. E, apesar de a câmara ter distribuído geriberas, foram os cravos vermelhos as flores mais vistas nas mãos e nos casacos. No meio de todo o rebuliço, destacava-se um casal, Fernando e Ivone Henriques, empunhando uma tabuleta com «obrigado».

Foi também com muitos obrigados que João Soares, presidente da Câmara de Lisboa, começou o seu discurso. «Obrigado pelo prémio, obrigado pelo talento, pelo trabalho que enobrece a nossa língua, obrigado pelo comprometimento com o povo humilde, com os pobres e os desprotegidos, que estão sempre na primeira linha dos seus livros.»

As palavras foram ouvidas pela multidão que encheu o Salão Nobre da câmara municipal e também, através dos altifalantes, pe-



APLAUSOS. Não eram muitos os lisboetas que esperavam Saramago, mas aplaudiram e gritaram como multidão

los que ficaram lá fora. E foram muitos os momentos em que as palavras tiveram que ser interrompidas para dar lugar aos aplausos. Como quando João Soares se referiu a este momento

«Estas chaves são para abrir a porta da vossa amizade. Só que elas já estão abertas de par em par», diz Saramago

como o «cerco da amizade, o cerco do povo de Lisboa a Saramago».

Num momento de inspiração, João Soares agradeceu ainda a Pilar del Rio, mulher do escritor, di-

zendo que, afinal, há casos em que de «Espanha vem bom vento e bom casamento». O escritor alinhou na brincadeira e respondeu que, se quanto ao vento nada poderia dizer, já do casamento ele tinha muito a agradecer e sentia-se feliz por a ter trazido à «casa de Lisboa».

Os obrigados repetiram-se, mas, afinal, de que valeria continuar a agradecer? De nada. «Façamos apenas de conta que eu estou a olhar para cada um de vós, olhos nos olhos, que estamos calados e que nos encontramos numa comunidade de pensamentos, de alegrias, de desejos. Uma comunidade de ideais, uma bondade activa que nos ponha todos a trabalhar na mesma direcção, na direc-

ção da felicidade e da harmonia.»

Apesar de tudo, Saramago diz que não nasceu para isto. «Se Aquilino Ribeiro fosse vivo, ele é que teria ganho o Nobel. Mas como ele não está cá, recebo-o eu.» A modéstia não lhe serve de nada. Quando apareceu na varanda da câmara municipal, os seis músicos de chapéu de palha do «grupo musical do cavaleiro» tocavam *Cheira bem, Cheira a Lisboa*. Se olhasse em frente, o escritor veria, colocada num prédio em frente, uma faixa vermelha em que também a CGTP lhe dava os parabéns. José Saramago recebeu a chave da cidade de Lisboa e no livro de agradecimentos escreveu apenas: «Obrigado, Lisboa, nem sabes o que me deste hoje.»

Se este mundo serve eu sou um imbecil»

O escritor critica modo como o português é defendido

M. G.

«Este mundo serve, eu sou um imbecil.» José Saramago, Prémio Nobel da Literatura, em Lisboa, fez esta parte: conferência de imprensa, ao fim do dia, na Câmara Municipal de Lisboa. Falou-se em livros, numa sala de estanterias vazias, à espera deles, dos livros. O escritor fala das obras que escreveu. Uma, *A Caverna*, completa um tríptico iniciado com *Ensaio sobre a Cegueira* e *Todos os Nomes*. Livros «muito duros», onde se vê o estado do «mundo, que não está bem».

Mais introspectivo o tema que abordou para o outro projecto, *O Ano das Tentações*. «É a minha autobiografia.» E o escritor deixa perceber crescer até explicar que não contará «a história da minha vida até aos 14 anos». E remata: «O meu pai espiritual é a criança que fui.»

Quanto ao Nobel? José Saramago manifesta um claro cepticismo sobre a capacidade do prémio em «potenciar» a exposição internacional da literatura portuguesa — ou de literatura portuguesa. «Não tenho a certeza de que a língua portuguesa esteja a ser defendida.» Dúvidas que o escritor estende à actuação da Comissão dos Povos de Língua Portuguesa. Sem deixar de referir que perderemos muito «se não aproveitarmos agora, que o mundo tem os olhos postos em nós». «É todo o mundo lusófono. Não sabemos comunicar o que somos.»

À mesa, o Prémio Nobel os-

tenta um cravo vermelho, como Zeferino Coelho e José Sucena, da Caminho. Na sala estão, entre outros, Júlio Pomar, Lídia Jorge, Baptista-Bastos e, claro, Pilar del Rio. Mas a tônica são os cravos.

Da dificuldade da literatura portuguesa em comunicar-se, o fio da conversa evolui para o analfabetismo, sobretudo o analfabetismo dos que foram à escola. «Se vamos perder o saber usar as palavras, acabaremos perdendo os sentimentos que deveríamos expressar. Tornamo-nos incomunicáveis e incomunicados.»

«Se vamos perder o saber usar as palavras, acabaremos perdendo os sentimentos que deveríamos expressar»

E o homem para quem nenhum escritor inova porque assim o deliberou e que escreve independentemente do lugar onde se encontra também voltou à sua questão nacional. Foi a Lanzarote antes de vir a Lisboa «por causa das camisas», explicou.

Menos sabor a *fait divers* nas razões pelas quais o escritor, que se assume como português, ibérico «e europeu, se me apetecer», continuará a viver em Lanzarote. «Este Governo não fará o que o outro fez e me levou a sair. Mas poderia surgir outro que me pegasse uma partida semelhante.» De resto, o prémio é também de outra comunidade, sem pátria esta — a dos leitores.

ofereça um Estágio ofereça um Futuro

Sr. Empresário
Conheça as vantagens da sua adesão ao Programa Estágios Profissionais

Dirija-se ao Centro de Emprego da sua área

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
 MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE

COMUNIDADE EUROPEIA
 Fundo Social Europeu

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA SARAMAGO EM LISBOA

DN-Paulo Spranger



CHAVE. O escritor ficou emocionado. «Obrigado Lisboa, nem tu sabes o que me deste hoje», foram as palavras que Saramago escreveu, agradecendo assim a homenagem prestada pela câmara da capital

DN-Eduardo Tomé



PORTUGAL. Depois de Frankfurt, Madrid e Lanzarote, Saramago chegou a Lisboa. «Ainda não sou um emigrante», diz

DN-Leonardo Negrão



OBRIGADO. Fernando e Ivone marcaram a diferença. «Temos muito orgulho»

DN-Leonardo Negrão



«SA-RA-MA-GO». Os gritos e os aplausos não paravam. «As portas da vossa amizade estão abertas de par em par»